ANO 10.º — Sexta-feira, 8 de Junho de 1917 — (AVENÇA) — Numero 476

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

As subsistencias

Urge que as autoridades intervenham no sentido de acabar com a exploração dos açambarcadores de generos

Por muitas vezes, como se póde vêr, percorrendo a colecção deste jornal, temos clamado contra a abusiva maneira como se está açambarcando aqui mesmo na cidade e pelos seus arredores, tudo quanto é de maior necessidade para a alimentação publica.

Tambem por cada vez que a taes factos aludimos, instámos pelas indispensaveis providencias que a situação exige e impõe a quem tem a obrigação de olhar para o que se passa e evitar assim que se produza qualquer perturbação com gravissimos resultados para todos.

O pão escasseia e o que aparece é por um preço exorbitante, que ninguem fiscalisa nem quer saber a como está sendo vendido ao quilo.

Manda a verdade que se abra uma honrosa excepção á fabrica dos srs. Cristo & C.ª, que tem representado, em toda esta larga e aflitiva situação um papel dos mais preponderantes e conscienciosos, concorrendo inquestionavelmente para diminuir o mais possivel a mizeria e a fome, acudindo com abundante e metodica distribuição de pão durante o dia e a diferentes horas, como convém ás classes populares, eternas vitimas da exploração dos menos escrupulosos.

Todos nós compreendemos que a hora é de sacrificios; todos estámos e estaremos dispostos a suportar o que a situação possa impôr como irremediavel. Mas o que por certo todos temos direito é de evitar que sejâmos indigna e desumanamente explorados, sem que haja quem ponha termo ao verdadeiro assalto que persistente e rigorosamente se está fazendo á bolsa do povo, sacrificado e explorado por tanta fórma, por tão variados processos.

O desafôro entre nós tem-se mantido num crescendo tal que os produtos que neste momento atingem a sua maior abundancia estão sendo vendidos por um preço tres vezes mais caro que no ano anterior, e outras tantas do que nos grandes mercados, onde por absoluto quasi falta o pão e outros alimentos.

Referimo-nos, por exemplo, á batata, cujo preço aqui é de 10 e 12 centávos o quilo, quando no Porto está a 4 e em Lisboa a 5 e 6.

Porquê? Porque se permite que as regateiras e outros açambarcadores vão para os caminhos esperar as condutoras dessas mercadorias e com elas combinem preços elevados para a venda, com a declaração e promessa que lhe comprarão, por ultimo, o que não venderem.

Outro dia assistimos, por acaso, á chegada dum barco de batatas vindo da Gafanha. Logo foi assaltado por varias mulheres, revendedoras de generos, e a um homem qualquer perguntam-lhe quanto queria por duas ou tres sacas de batata. O interrogado, não esteve com meias medidas, pediu logo a exorbitancia de 5 escudos! Não as vendeu por esse preço, mas por menos 50 centávos, o que representou para o homem um belissimo negocio, que o consumidor, que o publico teve de pagar.

O que sucede com o pão, com a batata, com a fruta, sucede com o peixe, que se permite seja comprado por todo o preço por açambarcadores que o exportam para fóra, fornecendo hoteis do Bussaco e do Luzo, sem que a cidade se abasteça, como em toda a parte acontece, onde ha, por ventura, alguem que defenda os bons principios da justiça e do direito.

Se chega aí um barco de fruta, mal atracado ao cáes já é invadido por essa maldita gente que tudo arrebata e absorve para impôr ao povo pelo preço que quer.

Isto não é um negocio limpo e sério: é apenas um novo processo de roubar a bolsa alheia.

Em Lisboa a faisca que produziu o terrivel incendio que tanta vida e lagrimas custou, foi a ganancia dos que, reparando na procura que a batata tinha pela falta de pão, logo lhe elevaram o preço de 6 a 18 centávos.

A explosão não se fez esperar e dos seus resultados só de verdade conheceram os que foram testemunhas dos acontecimentos.

Contudo, duma complacencia, duma indiferença, que chega a ser criminosa, tem sido a atitude daqueles a quem compete vigiar e fiscalisar os direitos de todos.

Em toda a parte uma das preocupações do govêrno e dos seus delegados, onde quer que estejam, tem sido providenciar em todos os casos e nomeadamente reprimir a especulação ilegitima, os abusos, a ganancia.

Entre nós, que tão facil essa tarefa se torna, não só pela pequenez da terra como ainda pelo conhecimento de tantos quantos capazes são de taes negocios, não se tem tomado a mais leve, a mais pequena medida tendente a pôr termo ao que todos os dias e a toda a hora se está praticando com o maior desassombro, com o mais requintado cinismo!

Antes se diz que alguns autos de multa teem sido anulados por complacencia de quem em tais serviços superintende, levando ao espirito dos agentes e fiscais a convicção de que se não devem incomodar, nem tão pouco levantar atritos, que assim só vão refletir-se, em exclusivo, nas suas pessoas.

Estâmos convencidos que bastaria uma vigilancia aturada e a aplicação irremediavel das penas a aplicar, para se modificar esta situação, que se agrava pavorosamente e que póde num dado momento degenerar em gráves perturbações, com prejuizos incalculaveis para todos. Não ha quem não veja, não sinta a necessidade imperiosa de combater a ganancia desenfreada e a exploração mais que criminosa que aí se está desenvolvendo.

E' necessario o emprego de processos suaves, mas de energicos e positivos resultados, como necessario, absolutamente necessario se torna que termine, sem demora, essa desalentadora imprevidencia e lamentavel incompreensão da gravidade das circunstancias que se está evidenciando da parte de quem, por dever de oficio e responsabilidade do seu cargo, ha muito deveria ter saído do marasmo em que se encontra.

TEIXEIRA DE SOUZA

Subitamente, sucumbiu ás primeiras horas de quarta-feira, no Porto, onde se encontrava de passagem para a sua casa de Vidago, o antigo conselheiro de Estado Antonio Teixeira de Souza, que na monarquia foi um homem de destaque e no partido regenerador alguem que se impunha pela sua ilustração e inteligencia.

Era formado em medicina. Porêm, a politica atraíu-o de tal maneira, que quasi não chegou a fazer uso da carta, tendo sido eleito várias vezes deputado e mais tarde escolhido para entrar nos ministerios do seu partido a quem Hintze Ribeiro confiou as pastas da marinha e da fazenda.

Por morte deste estadista, Teixeira de Souza ascendeu á chefia da regeneração por o snr. Julio de Vilhena ter declinado esse cargo, surpreendendo-o a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910 na presidencia do ministerio, a que egualmente pertenciam Manuel Fratel, Anselmo de Andrade, José de Azevedo Castelo Branco, Pereira dos Santos, Raposo Botelho e Marnoco e Souza, tendo esse facto provocado a saída de dois volumes escritos pelo extinto, que neles historia o acontecimento politico, justificando-se de todos os actos da sua responsabilidade praticados nos derradeiros dias que precederam a queda da monarquia.

Tinha 60 anos, pois nasceu na aldeia de Celeiros, concelho de Sabrosa, distrito de Vila Real, a 5 de maio de 1857. Ultimamente exercia o logar de director da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, onde as suas notaveis faculdades de trabalho o fizeram distinguir, cumulando-o de simpatias.

Que descanse em paz.

Maravilha

Um jornalista católico, descreteando sobre os milagres da agua de Lourdes, *onde existe alivio para todas as dôres*, descobriu agora que elas até dão pais aos orfãos!!!

Magnifico achado. Ou não estivessemos em pleno seculo das luzes...

S. Cristovam

Veio ontem alguma gente de fóra visitar esta avantajada imagem que noutros tempos costumava passear as ruas da cidade, não aos ombros dos parceiros mas *pelo seu proprio pé*...

Acompanhava-a S. Jorge, a cavalo, com o respectivo paigem, uma força de cavalaria e o Senado Municipal, com o seu estandarte. Então dava ao cortejo o resto de imponencia que, de caricata, nem nos atrevemos a definir... por causa da censura...

E se a Câmara restabelecesse a tradição? Não seria bonito vêr os *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* a fazer figura, como o ex-juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira á frente, de luvas, larga fita a tira-colo e a vara dourada em punho?

Quem déra...

Coisas nossas

Dizem da Africa Oriental que em Moçambique existem milhares de toneladas de sacarina cheia de açucar, que se está perdendo e deteriorando nos armazens por falta de transporte para a metropole. Ainda não ha muito que um forte temporal causou enormes prejuizos, pois avariou mais de 600 toneladas, que muito bem podiam ter escapado á acção do tempo se o govêrno atendesse as reclamações dos fabricantes, resolvendo a questão dos transportes.

Não comentâmos. Porque isso nos levaria a perguntar onde é que se encontram os navios apreendidos á Alemanha.

AGRADECENDO

Ao presadissimo confrade *Povo de Agueda*, onde trabalham os velhos republicanos, dr. Abilio Napoles, Alexandre de Oliveira Coelho e José Alves de Oliveira, aqui deixâmos exarado o nosso reconhecimento pelas palavras amigas que nos são dirigidas no ultimo numero, a proposito dos rigores da censura de que temos sido vitimas.

Não as esqueceremos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

No Parlamento

Volta á discussão a censura ao "Democrata„

Foi na sessão de terça-feira, uma das mais agitadas do presente periodo legislativo:

O snr. *Marques da Costa* pergunta ao snr. ministro do Interior se já recebeu algumas informações referentes ao modo como se exerce a censura em Aveiro. Ha quinze dias que tratou do caso, e, até agora, nada.

O sr. *Ministro do Interior* responde não possuir ainda informações precisas que o habilitem a proceder. Declara, contudo, que a lei tem de ser cumprida e que ela não deixa que por certa fórma se apreciem os actos das autoridades tantos militares como civis. Que o córte feito pela censura de Aveiro em certo artigo lido na Câmara pelo orador precedente, foi julgado incurso nas disposições legais, por conter materia que só tinha em vista amesquinhar a autoridade superior do distrito.

(Ha violentos protestos de todos os lados da Câmara contra semelhante afirmação).

— A lei não se fez para isso!

— E' um abuso!

— Não póde ser! Revogue-se!

— A censura foi feita para os casos da guerra.

O sr. *Marques da Costa* — A censura não foi instituida para cobrir os actos de qualquer autoridade. O artigo que eu li nunca devia ser cortado.

O sr. *Brito Camacho*—Nem o rei gosava de tais imunidades...

O sr. *Pestana Junior*—E' preciso não esquecer que a censura surgiu por motivo da guerra.

O sr. *Marques da Costa*—Leia o sr. ministro o artigo.

O sr. *Ministro do Interior*—Leio a lei.

O sr. *Pestana Junior* — Interpretada por V. Ex.ª

(Outros ápartes se trocam, estando agora o ministro rodeado por muitos deputados).

O sr. *Marques da Costa*—O que se pretende é faltar ao respeito pelas instituições parlamentares.

O sr. *Eduardo de Souza* — A censura tambem se aplica ao que se passa nas sociedades de socorros mutuos?

O sr. *Marques da Costa*—V. Ex.ª devia ter mandado proceder a um inquerito.

O sr. *Ministro do Interior*—Já mandei.

O sr. *Pestana Junior*—Isto já está uma Republica muito azul e branca...

Uma voz — Sim; mas azul e branco desbotado...

O sr. *Moura Pinto*—O sr. Ministro do Interior, como antigo conselheiro, devia conhecer essa tecnica e a devida pragmatica.

(Daqui em deante ninguem se entende. As declarações do sr. ministro do Interior provocam os mais energicos protestos de todos os lados da Câmara. Protestos e gargalhadas, porque não faltam deputados que entendam que o assunto já não vai senão a rir.)

O sr. *Jorge Nunes* — Foi V. Ex.ª, sr. ministro do Interior, que ordenou á censura que cortasse a palavra *comendador* antes do nome do sr. Afonso Costa?

O sr. *Ministro do Interior*—E' claro, porque s. ex.ª não é comendador.

O sr. *Jorge Nunes*—Essa agora!... Então tambem não podemos tratar o sr. Norton de Matos nem por *sir* nem por *baronete!*...

O sr. *Ministro do Interior*—Lê alguns artigos da lei da censura, respondendo a varias interrupções de todos os lados da Câmara.

O sr. *Marques da Costa* continua a protestar contra o modo como se faz a censura, dizendo que ela não foi creada para fins politicos, mas apenas para assuntos militares.

O sr. *Jorge Nunes*—Isso é malhar em ferro frio.

Os protestos continuam ainda por alguns minutos, após o que a Câmara adquire o socêgo preciso para proseguirem os trabalhos.

Continuâmos a abster-nos de comentarios, que todavia guardaremos para quando fôr restabelecida a liberdade de imprensa em Portugal.

Então hão-de ouvir-nos a actual comissão de censura preventiva á imprensa de Aveiro e o snr. conselheiro Almeida Ribeiro, dignissimo membro do ministerio a que tambem pertence o sr. Barbosa de Magalhães, outro republicano da mesma força.

DÁDIVA

Pelo sr. Bento José de Carvalho, nosso conterraneo residente em S. Paulo, E. U. do Brazil, foi enviada á Delegação da Cruz Vermelha desta cidade a quantia de 100$00, acto que registâmos com o merecido louvôr.

"O Democrata,, aos seus assinantes

—(*)—

De todas as crises por que este semanario tem passado, crises motivadas pela acintosa perseguição de que tem sido alvo durante a sua existencia, temos a franquêsa de confessar que ainda nenhuma o afectou tanto como a da época presente. Causa: o preço elevadissimo do papel, que, em constantes e vertiginosas subidas, estamos a pagar quasi pelo quadruplo que nos custava, de qualidade superior, antes da guerra, com a agravante de o termos de satisfazer á vista ou num curtissimo praso concedido pelos fornecedores menos exigentes alguma coisa. Ora uma situação destas é extremamente penosa para quem, como nós, não dispõe de capitaes e em tal conformidade resolvemos apelar para os nossos assinantes, solicitando lhes apenas o pagamento adiantado do jornal, unica fórma de atenuarmos, sem sobrecarrego para ninguem, as dificuldades do momento atual, esbatendo os apuros em que nos vimos com a industria papeleira.

Certos de que o nosso pedido será considerado por todos como dos mais justos atentas as circunstancias que o determinam, desde já agradecemos o bom acolhimento dos recibos quando lhes forem apresentados, inclusivé áqueles, poucos, assinantes que se acham em atrazo e que agora muito nos penhorariam pondo em dia as suas contas.

Aproveitando o ensejo, rogamos tambem aos bons amigos que na **Africa, Brazil, China, Macáu, Congo, Buenos-Aires, Japão, India, California, Açôres** *e, enfim, em todas as terras de além-mar onde recebem o* Democrata, *a finêsa de mandarem saldar os seus recibos como melhor entenderem, fineza que desde já agradecemos e tomâmos na devida consideração.*

* * *

Aos muitos daqueles, que, depois de publicado pela primeira vez este nosso apêlo, se nos dirigiram expontaneamente a satisfazer as suas assinaturas, aqui lhes testemunhamos a intima expressão de quanto isso nos penhorou, ficando a todos devéras reconhecidos.

Excerto

Mão amiga escreveu-nos uma longa carta de longe, chegada agora por um dos paquetes entrados em Lisboa, onde, a alturas tantas, se lê:

. . . .

Então tu que fazes, homem?

Esta pergunta refere-se aos teus afazeres particulares, intimos, porque os outros, principalmente os do valentão *Democrata* conheço eu, e por sinal continuam a agradar-me muito.

. . . .

Apezar de tudo, lá está novamente o Barbosa de Magalhães no poder, hein? Depois da prova que deu no Teatro Aveirense, não podia deixar de ser guindado a ministro da Instrução. Ai, meu velho, como tudo isto anda! Como tudo isto enoja! Por isso eu me dedico de alma e coração ao comercio e tento afastar-me tanto quanto possivel da sugidade. Convence-te, meu Arnaldo, que isto já não toma rumo direito. Eu confesso-me vencido . . . desiludido. Comeram-me bem os filhos... da Natura... E que fazer-lhe? Crê que para a maior parte dos pulhas tu é que és o bandalho... porque os não deixas governarem-se á vontade. Se não fôra a tua vida resumir-se nisso, pois sei que se deixasses de pugnar pela moralidade, morrias, aconselhar-te-ia a que deixasses essa cambada e não te prejudicavas mais. Mas que estou eu a dizer? Deixa-la, nunca, meu valente, para honra do nosso querido torrão.

Muitas vezes antevejo as referencias que te farão quando fechares o olho para sempre. Tenho a certeza de que então hades ser apreciado com toda a justiça.

. . . .

Afinal esses democraticos de Aveiro são da mesma força dos de aqui. Tambem tive necessidade de me afastar deles, tão depressa me capacitei das suas reservadas intenções. O que pretendem esses conspicuos politicos é que nós lhes sirvâmos de degrau para irem trepando e depois, quando atingem o que desejam, adeus passe muito bem.

Uns pandegos sem deixar de serem uns safados. Por tanto, ao largo, que é o melhor caminho.

. . . .

Devemos esclarecer que esta carta é dum velho republicano, que não só tem direito á nossa consideração e amizade, como ainda se impõe áqueles que com ele se acham relacionados, pelas suas excelentes virtudes.

Seguindo na esteira de tantos outros, á Republica deu o que lhe poude dar, desinteressada, dedicada e calorosamente. Nunca pediu a recompensa; antes esperava que lha déssem em obras de engrandecimento para a sua Patria, unica aspiração de toda a sua vida. Não aconteceu assim? Cinco anos de Republica — disse-nos um dia — chegaram para conhecer bem a maior parte dos meus correligionarios. E agarrando nas malas, quasi sem se despedir de ninguem, abalou.

Está longe, muito longe de nós e, pelo que se vê, cada vez mais desiludido. Não lhe perdoâmos. Esse acto de fraquêsa póde, quando muito, ser um desabafo. Um desabafo justificado? Sim; porque as asneiras dos dirigentes teem sido muitas e algumas de tal natureza que dá, realmente, vontade de fugir. Mas o que hade ser do país se os republicanos abandonarem o campo, entregando definitivamente a sua direcção, sem mais preocupações, aos corruptos que já deram as suas provas administrativas? O que hade ser de nós se fôr por deante essa tentativa de esmagamento contra a qual tantos se levantam a dar o sinal de alarme para que se não inutilise uma obra das mais grandiosas dos ultimos tempos?

Amigo: a Republica está implantada. Deixa-la, abandona-la, fugir ante a avalanche de adventicios que nela se introduziram para a sugar, afigura-se-nos um crime. Que fazer, pois? Já o dissémos e voltamos a repetir: o que ha a fazer é formar de novo a velha guarda, unir fileiras e... e... expulsar os vendilhões do templo...

E nada de desanimos, que póde a molestia pegar e isso é o que eles querem.

UMA TRAGEDIA

—(*)—

Em Albergaria-a-Velha o director da "Democracia do Vouga,, defende-se, a tiro, da agressão dum importuno

Na quinta-feira da semana passada deu-se, em plena vila de Albergaria-a-Velha, um caso que, por imprevisto, emocionou profundamente toda a população da pacata terra.

Publica-se ali um semanário, *A Democracia do Vouga*, de feição democratica, anti-catolico, de que é proprietario o nosso conterraneo João Luiz de Rezende, com estabelecimento de relojoaria montado junto á praça. Umas correspondencias insertas no aludido jornal, referentes a assuntos politicos da freguezia da Branca, déram origem a que um dos visados, Carlos Rodrigues Leandro, filho dum rico proprietario, procurasse o sr. Rezende no seu estabelecimento com o fim de saber quem era o autor das cartas em questão. Fiado, porêm, na sua força muscular e com filaucias proprias de pimpão de aldeia, dirigiu-se em termos provocadores e insultuosos ao editor da *Democracia* depois deste, segundo dizem, lhe ponderar, com modos cortezes, que não lhe podia satisfazer os desejos pelo menos enquanto não falasse com o correspondente a tal respeito. E' da praxe e não fez mais que o seu dever. Mas o Leandro é que se não contentou com a resposta. Increpou, insultou, ameaçou. E das palavras passou-se a vias de facto, o que deu em resultado o pimpão subjugar o antagonista, lançando-o por terra e apertando-lhe o pescoço, enquanto lhe não acudiram. Separados, interrompeu-se por instantes o conflito para recomeçar dentro em pouco, mas quando já o snr. Rezende se achava munido duma pistola. De novo o Leandro o dominou, segurando-o, mas não de maneira que o snr. Rezende, para se defender da agressão, não pudesse puxar pela arma e a disparasse contra o homem da Branca, prostrando-o mortalmente ferido.

Eis, em resumo, os factos como eles chegaram ao nosso conhecimento e que deveras lamentâmos, tanto mais quanto é certo ter dado logar á ocorrencia uma verdadeira fatalidade que, com um pouco de prudencia, se teria, talvez, evitado.

Mas não é agora ocasião azada para comentarios. Mais tarde, sim, quando os espiritos estiverem mais calmos tencionâmos faze-los, mesmo porque se torna necessario explicar devidamente o significado do tristissimo acontecimento, que ámanhã se póde repetir noutra parte qualquer com eguaes consequencias, se não ainda mais gráves.

* * *

O sr. João Luiz de Rezende, que foi preso no acto do conflito, recolhendo á cadeia de Albergaria, acha-se atualmente na desta comarca, onde aguardará o julgamento.

Muito bem

—(*)—

De Mayer Garção, na *Manhã*:

. . . .

Os monarquicos que aderiram á Republica, e que são por isso, hoje, póde dizer-se, oficialmente republicanos, dividem-se em duas categorias: aqueles cuja conversão foi sincera e são hoje bons republicanos e aqueles cuja conversão não póde reputar-se sincera, porque não patenteiam nem as virtudes republicanas nem o culto que á Republica é devido. Eu creio que o numero dos primeiros é restrito, mas sei que os ha. O dos segundos é infelizmente bem maior. E como se reconhece que pertencem a essa categoria? Pela mesma fórma porque se póde reconhecer que outros pertencem á primeira categoria. Pelos seus actos. E' pelos actos e não pelas palavras que se avalia o caracter dos homens, que se evidencia a força das ideias. Não são actos republicanos aqueles em que se denota a persistencia dos processos monarquicos, da educação monarquica, da mentalidade monarquica. Esses processos não pódem subsistir na Republica. A Republica tem os seus processos proprios de que não póde nem deve abdicar sem que cometa um acto de renuncia total. São os processos que se coadunam com os seus principios — claros, francos, democraticos. A' limpidez das ideias deve corresponder a imaculada honestidade da conduta politica e a sua intransigente doutrina que faz cidadãos dignos de a honrarem.

Mas são os processos monarquicos que nós vemos, com mágua e espanto, prevalecer, dentro da Republica, sobre os principios republicanos. Que podemos concluir deste facto? Não podemos concluir outra coisa que não seja, como dizia o ilustre republicano que ha dias me escreveu, a certeza de que a Republica triunfante capitulou, na politica e na administração, perante a monarquia vencida. E como? Só se explica o fenomeno pela invasão dos partidos republicanos, pelos caciques e videirinhos monarquicos que tiveram artes de se impôr aos velhos republicanos que nesses partidos se encontravam. Impuzeram-se, e a autoridade passou para as suas mãos; a supremacia é deles, porque constituem a maioria da representação dos partidos, porque teem dado duzias de ministros aos govêrnos da Republica, porque até na propria imprensa republicana se introduziram como mentores. A politica que se faz na Republica tem todo o aspecto da politica monarquica, e daí veem todos os nossos erros, daí vem a desfiguração da fisionomia moral da Republica. Quem póde ter feito isto, senão esses monarquicos que nunca deixaram de o ser, visto que a esses processos condenados e malditos não renunciaram, nem renunciam?

São os seus actos que definem as intenções dos homens. Os actos destes republicanos da ultima hora não são actos republicanos.

. . . .

Que dirão a isto os snrs. Ministro da Instrução e Governador Civil de Aveiro?

Querem que se escreva com mais propriedade, com mais clarêsa?

Analise toxicologica

Pelo Instituto de Medicina Legal já foi enviado ao meritissimo juiz desta comarca o relatorio e parecer do conselho medico-legal sobre o resultado da analise quimico-toxicologica das visceras do cadaver da infeliz Olivia Cabelo, que, como noticiámos, morreu em circunstancias alarmantes numa casa da Rua do Sol, onde se achava a servir.

Horas de encerramento

Atendendo á necessidade de harmonisar os interesses das diversas classes a que são aplicados os decretos n.os 2:922 e 2:976, respectivamente de 30 de dezembro de 1916 e 3 de fevereiro de 1917, o govêrno fez inserir na folha oficial uma lei geral determinando que até 31 de outubro do ano corrente o serviço nas repartições públicas começará ás 11 horas perfixas, sem tolerancia, e não terminará antes das 17.

Durante o estado de guerra as lojas e estabelecimentos similares, incluindo as tabernas sem comida, encerrar-se-ão ás 19 horas nos mezes de janeiro, fevereiro, outubro, novembro e dezembro; ás 20 nos mezes de março, abril e setembro e ás 21 nos mezes de maio, junho, julho e agosto. Aos sábados as mercearias, pastelarias, manteigarias, tabacarias e carvoarias encerrar-se-ão ás 22 horas e as barbearias ás 23.

Os cafés, restaurantes, tabernas com comida, casas de leilões, leitarias, cooperativas de consumo, clubs e outras sociedades de recreio, encerrar-se-ão ás 23 horas, não podendo funcionar nem reabrir antes do nascer do sol.

Para os efeitos do novo decreto consideram-se tabernas com comida unicamente aquelas em que o consumo de bebidas alcoolicas é sempre acompanhado de qualquer prato de comida, cosinhado dentro do proprio estabelecimento, não sendo permitida a venda em quaisquer estabelecimentos, clubs ou outras sociedades de recreio, bufetes de teatros ou de cinematografos, de produtos similares aos que se vendem nos estabelecimentos, depois do encerramento destes.

Os teatros e cinêmas ficam obrigados a fecharem ás zero horas.

TEATRO AVEIRENSE

Vai bastante adiantada a assinatura para as duas récitas que, nos dias 16 e 17 do corrente, vem dar a esta cidade a companhia da laureada actriz Adelina Abranches, sendo por isso de toda a conveniencia que os *habituées* da nossa elegante casa de espectaculos não guardem para a ultima hora a marcação dos seus logares.

Como já dissémos, as peças escolhidas são a comedia em 3 actos — *Um negocio da China*, o episodio dramatico em 1 acto — *Dôr que mata* e a comedia em 2 actos — *O gaiato de Lisboa* em que Adelina Abranches desempenha o principal papel, verdadeira creação sua e cujo sucesso anda a par do numero das representações.

Não podiam, os que se abalançaram a contratar a distinta companhia, de que fazem parte outros elementos de valor, escolher melhor.

Julgamento

No Porto efectuou-se ha dias o do nosso presado amigo D. José de Castro, que teve logar no tribunal de S. João Novo.

Respondeu ele por ter um dia aplicado num masmarro audacioso, que teve a habilidade de conseguir ser herdeiro dos haveres da falecida Condessa do Côvo, uma valente sóva para castigar a infamia de atribuir ao marido dessa senhora a substituição, em Paris, das suas ricas joias por outras falsas, de nulo valor.

D. José, assumindo altivamente a responsabilidade do acto, como é proprio do seu integro caracter, fez vêr ao juiz quanta razão lhe assistia procedendo da maneira que procedeu, o mesmo acontecendo ao patrono do acusado, dr. Arnaldo Guimarães, cuja oração foi apreciada pela assistencia quasi toda constituida de amigos do estimadissimo oliveirense.

O padre, que se instituiu parte acusadora, brilhou pela ausencia, prova evidente duma ilimitada cobardia já evidenciada atravez de toda a sua existencia sacerdotal.

A sentença, proferida a seguir aos debates, condenou o *reu* em 5 dias de multa a 10 cent., custas e sêlos do processo, o que equivale a dizer que D. José de Castro possue hoje uma carta bem mais honrosa do que todas as que possa exibir o reverendo a quem Deus proteje e a fortuna não desampara...

Felicitâmo-lo.

Garraiada

E' promovida por um grupo de tipografos, com o apreciavel cançonetista João Téles á frente, a que depois de ámanhã tem logar no *redondel* do Rocio para inauguração da época tauromaquica.

Programa vasto e variado, estamos em crêr que será uma tarde bem passada, a menos que os garraios saiam tão pôdres que nem sequer bufar possam no meio da praça.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala*.

Notas mundanas

Por se lhe terem agravado os ferimentos provenientes da agressão de que foi vitima, esteve alguns dias de cama o nosso presado amigo e colêga do Distrito de Aveiro, *sr. dr. André dos Reis.*

Continuamos a fazer votos pelo seu pronto restabelecimento.

✤ *Partem ámanhã para Caldelas onde vão fazer uso das aguas, como de costume, o capitão farmaceutico Marques da Naia e sua esposa.*

✤ *Estiveram nesta cidade os srs. Manuel Saldanha e Avelino Figueiredo, de Eixo; Manuel Francisco Braz, da Povoa de Valado e dr. Abilio Marques, da Costa de Valado.*

✤ *Tambem veio pela primeira vez a Aveiro e deu-nos o prazer da sua visita, o sr. Procopio Augusto Galapito, farmaceutico e socio da firma Téber & Galapito, de Lisboa.*

✤ *Passa encomodado de saude o sr. Fortunato Mateus de Lima, professor de ensino particular.*

Baixa intriga

—=(*)=—

Um velho evolucionista (?), vá lá o mote, *velho* com cêrca de 5 anos de... classificação, aparece aí a verter lagrimas tão abundantes, tão *sinceras* e *justificadas* que deixam a perder de vista aquelas outras choradas por o autentico Jeremias nas horas amargas que a historia aponta.

Não aludiriamos ao caso, com que nada temos, se não fossemos mentirosa e injustamente atingidos e misturados nas razões de queixa do *velhote* evolucionista, que, inhabil e patetoide, pretende, acomodando os factos a seu talante, impingir como boas e verdadeiras as causas do *desgôsto* com que deseja apenas mascarar um proposito, logo manifestado entre as aguerridas e numerosas hostes do evolucionismo indigena, mal nelas assentaram praça os dois ultimos aderentes: afastar da redacção do seu orgão, quem lá o está escrevendo e dirigindo.

Velhos, velhissimos—desta vez com toda a verdade—adversarios; irredutiveis absolutamente, inalteravelmente os novos aderentes ao evolucionismo com o director do jornal, seu orgão, que o caquético evolucionista, num momento das suas incoerencias da idade, acusa de maltratar, quando se derrete, porêm, todas as semanas a classificar-nos de *intemerato*, com grande ferro do *velhote*, que descobriu, de mais a mais, que intemerato quer dizer *puro, virginal, sem macula.* Ora a entrada ou a adesão desses cristãos novos no evolucionismo, foi, como está na memoria de todos, defendida, justificada no orgão do partido, até talvez com um excesso que pouco recomenda o defensor.

Pelo que se vê, todavia, o *velhote* queria e quer lampada acêsa no altar onde foram colocados os dois santos, com a respectiva trezena e festa pela sua conversão, além de especial consignação em todos os bordas d'agua, que devem registar para todo o sempre o grande, o unico, o inconfundivel milagre que fez nosso senhor... Mesquita de Carvalho, confundindo aqueles infieis com a postasinha da conservatoria, muito embora houvesse quem, de boca aberta, a quizesse passar ao estreito...

E foi mais, senão exclusivamente, essa boca aberta que determinou a rapidez na conversão, fazendo com que de novo se tornasse real o velho anexim: *do prato á boca, perde-se a sôpa*...

Atingidos imerecidamente e injustificadamente; baralhados em planos que não abonam os seus autores, e nos quais não queremos ser envolvidos, nem sequer com palavras, somos forçados a dizer da nossa justiça, facil tarefa, porque ela apenas implica o trabalho de ao papel lançarmos o que toda a gente sabe.

Condenámos com todo o calor e com todo o direito, exclusiva e unicamente sob o ponto de vista da moralidade politica, o despacho do actual conservador do registo civil. E, por coincidencia, no mesmo numero, publicámos um artigo da redacção, enaltecendo com a mais rigorosa verdade a benemérita e filantropica obra do provedor da Misericordia, irmão do conservador.

Este não se póde considerar ofendido por principio algum, com quanto sobre a vida exclusivamente politica e publica de seu irmão veio no *Democrata.* Tão bem como nós a compreende, avalia e julga. Disso temos a certeza, ainda que o seu modo de vêr, sobre o caso, que pessoalmente nos tem mais de uma vez mostrado, obedecesse a outra orientação e critério, que outras tantas vezes temos provado não aceitar—em controversia delicada e amiga—como pessoas que se prézam e distinguem. Da atitude do orgão evolucionista na presença do nosso ataque á nomeação do conservador, resultou—disso não se recorda ingenuamente o *velho* evolucionista—uma réplica, por bom sinal bem dura, que ficou sem resposta.

Será a isto que o caquetico evolucionista chama derretimento em elogios e cumprimentos?

Idiota!

Se ha a registar inhabilidades e escandalo, é na aplicação da *esperteza* de quem teve a triste ideia de trazer á tela da discussão um facto consumado e... discutido, como pretexto invocado agóra a justificar um plano, que, apenas se esboçou a adesão dos novos correligionarios do evolucionismo, logo surgiu aos partidarios destes: afastar quem não merece, em boa razão, ser tratado assim. Embora diga o Pilatos deste caso, *sem ofensa do ilustre director do* «Distrito de Aveiro», *que se não chega* a brilhante e intemerato *é pelo menos um jornalista distinto, que muito apreciámos.*

E um pão!...

Novo estabelecimento

Acaba de instalar-se na espaçosa loja onde, até ao falecimento do seu proprietario, esteve a alfaiataria Miranda, na Rua Coimbra, o nosso amigo Manuel Maria Moreira, que durante alguns anos ocupou a antiga casa da Carneirinha.

O novo estabelecimento, onde o público encontrará sempre uma grande variedade de fazendas e outros artigos proprios para a confecção de vestuario, recomenda-se pela seriedade de quem o dirige, o que é de superior vantagem para a larga clientela que já possue, com tendencias para aumentar, o que oxalá suceda como recompensa do sacrificio que a mudança implicou.

Além de que, Manuel Moreira é merecedor disso.

Mais verdades

—=(*)=—

Estas aponta-as na secção—*De relance*—do nosso coléga portuense *A Montanha*, o sr. dr. Angelo Vaz, que a tem a seu cargo:

. . . .

Foi tal a pressa, a ancia, a sofreguidão com que certos dirigentes fizeram a politica de atração, de captação, quando não foi de simples e vergonhosa compra dos nossos inimigos da vespera, que hoje a Republica, pelo seu pessoal dirigente, parece a velha monarquia, apenas com a mudança de rotulo.

E' como se ao kepi do sr. D. Manuel de Bragança apenas se tivesse substituido o cordeal chapeu de sêda do snr. dr. Bernardino Machado.

Preciso é que uma tal situação se transforme radicalmente.

Indispensavel se torna chamar á vida publica tantissimos republicanos que dela se afastaram, uns, scepticos e desalentados, outros, enojados e irritados, com a marcha desoladora da vida politica da nação.

A vinda desses velhos republicanos é como que uma transfusão de sangue puro na existencia da Republica.

Criaturas de principios, com honestidade de processos, farão com que o novo regimen seja cada vez mais de harmonia com os nossos ideiais porque tanto nos batemos e lutamos.

A Republica enferma duma verdadeira pletora *d'arrivistes.*

Enxameiam por toda a parte.

Personagens que não se sabe donde vieram ou que, pelo contrario, de que todo o mundo aponta o passado versatil e videirinho, vão alcandoradas, de um instante para o outro, sem se saber por quê nem para quê, em pingues situações, tão rendosas em honrarias como em numerario.

E os antigos republicanos que trabalharam na propaganda, que se bateram em 5 de Outubro, que em 14 de Maio acorreram a defender a Republica quando muitos desses *arrivistes* tratavam já de se passar, com armas e bagagens, para o ditador, os republicanos de sempre, tanto das horas do triunfo como da derrota, são considerados como reprobos que se afastam sistematicamente, como parentes pobres cujo convivio se receia e se despreza!

. . . .

Tem egualmente razão naquilo que diz o sr. Angelo Vaz. Muita razão. Carradas dela. E por assim acontecer é que lhe transcrevemos o naco de prosa, ficando, todavia, á espera da iniciação dos preparativos que deem acção ao movimento, que é preciso iniciar, sem demora, afim de que a Republica seja expurgada, quanto antes, dos elementos deleterios que a contaminam.

Palavras só não basta. São necessarios tambem factos que lhe correspondam, factos dos quais possa brotar um novo estado de coisas que signifique o regimen, aspiração de todos os antigos e desinteressados republicanos.

Vamos. Que já não falta tudo...

Perspicácia...

O *orgão do P. R. P. em Aveiro* atribue, com aquela agudesa de vista que sômos os primeiros a reconhecer-lhe, simplesmente a *excessos de linguagem* o que se passou na semana ultima em Albergaria e vai relatado noutra parte deste jornal.

Bem se vê que o articulista não sabe lêr.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre.	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte.	2$50
Avulso.	$02

Anuncios

Por linha.	6 centavos
Comunicados . . .	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Capitão Peixe

—=(*)=—

Um banquete em sua honra

Ao bravo comandante do *Paraná*, navio brazileiro que os boches torpedearam ha tempo, foi oferecido em Paris um banquete, a quando da sua passagem pela capital francêsa, que deve ter enchido de gratidão e orgulho o coração de todos os brazileiros assim como o dos ilhavenses, conterraneos do valoroso marinheiro.

A brilhante festa, que *Le Journal* organisou, não foi apenas uma homenagem ao valente *forceur du blocus*, vitima da força dos cobardes: foi — di-lo quem a ela assistiu — uma saudação calorosa, em que pulsou o coração de toda a França, enviada ao país irmão de raça, de sentimentos, de ideiaes, de democracia, pelo seu gesto de altivez e coerencia, rompendo as suas relações com o povo barbaro e desleal da Alemanha.

O banquete, organisado num momento feliz, efectuou-se no Grand Hotel, tendo a ele comparecido o mundo oficial, inclusivé o representante da Republica francêsa, politicos, jornalistas, escritores, os ministros de quasi todos os países sul-americanos e membros proeminentes da colonia brazileira em Paris, bem como o sr. dr. Afonso Costa, que por acaso se encontrava tambem de passagem naquela cidade.

O comandante Peixe foi saudado pelo eminente poligrafo George Prades, um dos colaboradores de *Le Journal*, que proferindo um eloquentissimo discurso, pôz em destaque a coragem do festejado, para quem iam naquele momento os aplausos de toda a França.

Por sua vez o intrepido capitão do *Paraná*, levantando-se, exclama:

Vós deveis compreender bem a surpreza que foi para mim esta recepção da imprensa de Paris, representada por um dos orgãos mais autorisados da opinião francêsa; ma podeis imaginar toda a minha admiração no meio de uma assembleia tão ilustre como esta, reunida para festejar o simples cumprimento do dever que custou a morte a trés marinheiros do *Paraná.* A generosidade do director de *Le Journal* quiz vêr em mim, comandante daquele navio, um *forceur* do bloqueio. Em realidade eu não fui mais que um *simples marinheiro brazileiro.* O Brazil tinha declarado, oficialmente, que não reconhecia a legalidade desse famoso bloqueio, simples atentado contra o direito das nações e contra a humanidade. Cabia-nos, pois, a nós, marinheiros brazileiros, mostrar que não nos submetiamos a esse acto de violencia duma força que não é mesmo a força por isso que ela evita medir-se com a força armada para se lançar aos barcos incapazes de resistencia. E' a força dos covardes.

A viagem do *Paraná* através de toda a zona bloqueada não foi, pois, senhores, nada mais que uma afirmativa da resolução do Brazil de continuar a exercer um direito que as leis internacionaes lhe asseguraram.

Este simples exercicio de um direito custou a vida a tres dos meus companheiros. Bem podeis imaginar a dôr que me corta o coração.

A mim, esta catastrofe, revelou-me, ainda, um pouco da generosidade cavalheiresca da alma francêsa, e é para agradecer tantas demonstrações desta generosidade que eu me animo a continuar com a palavra. Antes de tudo, tenho a agradecer ás equipagens dos contra-torpedeiros francêses *Escopette*, e *Tertuisiane*, bem como á do navio inglês *Ratley-Head* o devotamento e atenção com que nos socorreram, depois de doze longas horas de expectativa, de frio e de fadiga. Eles não saiam ocultamente das aguas para causar a morte; mas, em pleno dia, afrontando eles tambem a ameaça das minas e dos submarinos levavam a vida. Esse encontro com verdadeiros marinheiros foi para nós um duplo prazer: a profissão do mar estava reabilitada.

Devo agradecer, enfim, por intermedio de *Le Journal* que tomou a iniciativa desta festa, a todos os que pensaram nesta manifestação, e dela participaram, honrada com a presença de um dos membros do govêrno francês e dos representantes oficiaes do Brazil. Eu o faço em meu nome e no da equipagem do *Paraná* bem como no da marinha mercante do Brazil, á qual transmito as homenagens que aqui me são prestadas.

Senhores: eu bebo á grandeza da França, ao seu grande passado e ao seu futuro ainda maior.

Falaram ainda muitos outros oradores, que enalteceram o feito heroico do capitão Peixe, finalisando a festa com um abraço de todos os presentes dado ao corajoso homem do mar, pela fórma como encarou o perigo na arriscada travessia a que se abalançou.

NECROLOGIA

—=(*)=—

Vitimada por um ataque cerebral, que a fulminou quasi instantaneamente, faleceu em Lisboa a sr.ª D. Joaquina Albertina da Costa, sogra do acreditado farmaceutico estabelecido em Oliveira de Azemeis, sr. Alberto Falcão.

* *

Na avançada edade de 86 anos tambem se despediu da vida o sr. Manuel da Silva Ribeiro, natural do Pinheiro da Bemposta. Era pae do sr. Ismael Soares da Silva Ribeiro, farmaceutico da freguezia, e tio dos srs. dr. Daniel de Araujo Ribeiro, conservador do Registo Predial em Estarreja e David Ribeiro, condutor de Obras Públicas.

* *

Por uma das ultimas malas do Brazil, soubémos ter morrido subitamente no Rio de Janeiro, o sr. Daniel Pereira Bastos, co-proprietario da Confeitaria Pascoal, nosso compatriota, pois nascera no logar do Calvario, freguezia de Santa Cruz da Trapa, concelho de S. Pedro do Sul, distrito de Vizeu.

Contava 63 anos, tendo abandonado Portugal aos 11 para ir trabalhar na capital da grande Republica sul-americana onde granjeou pelas suas excelentes qualidades de caracter aliadas a uma actividade pouco vulgar, as simpatias de que andava rodeado á data do seu falecimento.

Deixa um filho unico, do mesmo nome, e avultados meios de fortuna. O seu funeral, realisado a 4 de abril, constituiu uma sentida homenagem dos seus muitos amigos, que nele se encorporaram, sendo tambem elevado o numero de corôas oferecidas como tributo de homenagem á sua saudosa memoria.

A' familias enlutadas, sem deixar de incluir o sobrinho do estimado socio da Confeitaria Pascoal, do Rio, sr. Manuel Dias, que para ali partiu ha pouco mais dum ano, vivendo na sua companhia, o nosso cartão de pêsames.

* *

Em Lisboa, e arrebatado pela tuberculose, deixou de existir o sr. Manuel de Beires Nunes da Silva, estudante de direito, filho do sr. dr. Manuel Nunes da Silva, juiz do Tribunal do Comercio e antigo deputado.

Contava apenas 23 anos de edade e o seu cadaver foi transportado para Cacia, terra da sua naturalidade.

Venha êle

Anuncia o *orgão dos taberneiros* que tem em seu poder um artigo dum *velho republicano* em que presta justa homenagem ao sr. Barbosa de Magalhães e põe em destaque *a sua alta influencia politica no distrito de Aveiro.* E por lhe ter chegado tarde—que pena!—promete publica-lo no proximo numero.

Ainda vem a tempo porque o ministério, ao que parece, aguenta-se...

Mas que pretenderá o *velho republicano?*

Associação dos Bateleiros

Deu por finda a sua existencia a associação local dos Bateleiros Mercantis e Pescadores da Ria de Aveiro, que hoje anuncia na secção respectiva do nosso jornal a venda, em hasta publica, do mobiliario e outros objectos a ela pertencentes, em harmonia com a resolução tomada na ultima assembleia geral.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 2

Na quinta-feira passada foi assassinado na séde deste concelho, Albergaria-a-Velha, um tal Carlos Leandro. Uma provocação dirigida ao sr. João Luiz de Rezende, proprietario do jornal *A Democracia do Vouga* fez com que este des-

La Union y el Fenix Español

Companhia de Seguros Reunidos

Capital social 2.400:000$00 efectivos

AVISO

A Direcção desta Companhia tendo tido conhecimento de que alguns dos seus segurados teem sido iludidos na sua boa fé com a apresentação de recibos e apolices de outra Companhia antes do vencimento da apolice de seguro que estes teem com esta, vem por este meio prevenir todos os seus segurados para que se não deixem enganar com prometimentos fantasticos sem primeiro verificarem até que dia e mez teem o seu seguro feito nesta Companhia, pois nada indica que outro se faça sem que termine o dia do seu vencimento.

Não deixem, pois, de pagar os recibos já vencidos apresentados pelos actuaes agentes

Firmino Fernandes
e
Bernardo de Souza Torres

ou por pessoa que os represente.

Conforme a lei exige, todo o recibo vencido tem de ser pago, a não ser que o segurado tenha avisado por escripto, e sob registo, a Direcção da Companhia, no Porto, antes do vencimento da sua apolice.

fechasse 3 ou 4 tiros contra o Leandro, que têve morte quasi instantanea. Juntou-se muito povo da freguezia da Branca, terra do falecido, que quiz entrar á força na cadeia, onde já se encontra o sr. Rezende, com o fim de o desfeitiarem.

Póde, porêm, evitar-se essa violencia, sendo requesitada de Aveiro uma força militar que ficou de guarda ao edificio.

Deu origem ao lamentavel acontecimento a publicação, no ultimo numero da *Democracia*, duma correspondencia na qual o Leandro se julgava atingido.

Não se tem falado noutra coisa.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho
—DE—
VILA NOVA DE GAIA
(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior **Regenerante**

Dentista

CANDIDO DIAS SOARES
AVEIRO

Instalou o seu consultorio na Rua Coimbra (antiga Costeira) n.º 11, onde continua ao dispor dos seus amigos e clientes.

Fixam-se os dentes naturaes, movediços e condenados a cair sãos. Invenção garantida.

ANUNCIOS

Motociclete

De marca F. N. 5 H P, vende-se uma em estado de nova.

Dirigir a Prazeres e Silva, em S. Bernardo ou a Manuel F. da Rocha Leitão, Rua Direita, Aveiro.

VINHO BRANCO SUPERIOR, tem da sua lavra, para vender, João de Almeida Vidal, residente na Oliveirinha.

Juizo de Direito da comarca de Aveiro

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Em virtude da execução hipotecaria requerida neste juizo pelo exequente Antonio Fernandes Borrêlho, casado, lavrador, de Ilhavo, contra os executados João Agostinho Portugal e mulher Joana de Jesus Anadia, ele maritimo e ela domestica, ambos residentes em Ilhavo, se ha de proceder no dia 10 de junho proximo, pelas onze horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da Republica, da comarca de Aveiro, á arrematação em hasta publica, afim de ser entregue a quem maior lanço oferecer, acima da sua avaliação, do seguinte predio pertencente e penhorado aos executados:

Um assento de casas terreas de habitação, com pateo, metade de um poço e mais pertenças, sito na Rua Direita, da freguezia de Ilhavo, avaliado na quantia de quinhentos escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 22 de Maio de 1917.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Regalão

O escrivão do 5.º oficio
Julio Homem de Carvalho Cristo.

Associação de Classe de Bateleiros Mercantis e Pescadores da Ria de Aveiro

LEILÃO

No domingo, 17 do corrente mês, pelas 10 horas, e na séde desta Associação, rua das Salineiras, se procederá á venda em hasta pública dos objectos, próprios da mesma, em harmonia com a resolução tomada da qual resultou a sua dissolução.

Aveiro, 5 de Junho de 1917.

Pela Comissão Liquidadora,
Clemente da Maia Modesto

Eucaliptos

Vendem-se cêrca de 1.000. Trata-se com Ismenia do Rego—Eixo.

Água da Curía

Em garrafões de 5 litros. $35

DEPOSITARIO
Bernardo Torres
AVEIRO

Aos Agricultores

Fertilisador Radioactivo H. B. C.

Producto radioactivo contendo entre outros elementos o RADIO, ACTINIO, URANIO, POLONIO, etc.

Poderoso estimulante da vegetação e precioso auxiliar da nitrificação das terras. **De incontestavel acção insecticida.** Empregado em todas as culturas como plantas de raiz e tuberculos—Cereaes plantas industriaes—Vinha—Arvores de fructo—Culturas de horta—Plantas de sala—Cacoeiros, etc., obtendo-se com o seu emprego um aumento de producção que vae de 25 a 80 % e tambem pela sua acção insecticida defende a vinha do *Mildium Black-Rot*, etc., a batata da podridão e outras molestias, o trigo da ferrugem, etc., etc.

O **Fertilisador Radioactivo H. B. C.** é o producto mais barato para a agricultura.

Vinha, batatas, milho, não deixar de o empregar nestas culturas.

DÓSE POR HECTARE 40 A 80 KILOGRAMAS

Preço do **Fertilisador** posto em qualquer estação do caminho de ferro do país, incluindo os sacos:

1:000 kilos Esc. 60$00 (em sacos de aproximadamente 70 kilos)
500 » » 33$00 (em » » » 70 »)
40 » » 3$00 (1 saco-dóse para 1 hectare de terreno)
20 » » 1$80 (1 » » meio » de terreno)
10 » » 1$20 (1 » » um quarto de hectare)
ou sejam 2:500 metros quadrados.

Remetem-se folhetos descrevendo o FERTILISADOR RADIOACTIVO H. B. C., a quem os pedir.

Para tratar e mais informações, dirigir-se a

HENRY BURNAY & C.ª
Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

ALIPIO MOUTINHO
Rua Fernandes Tomaz, 223—PORTO

MAIA, MARTINS & C.TA, SUC.RES
Rua do Caes, n.º 15—Aveiro

COMPANHIA DE SEGUROS

"Atlantica,,

Capital 500 contos

Séde Porto—Loyos, 92

Agencia Porto—Infante D. Henrique, 63

Telegramas—**ATLANTICA** Porto

Telefones:
Administração 1:986
Secção Expediente 1:306
Secção Maritima 2:105
Agencia 1:897

DELEGAÇÕES E AGENCIAS EM

Lisboa : Barcelona : Athenas : Funchal
Londres : Vigo : Bordeus : Ponta Delgada
Pariz : Genova : Marselha : Horta
Christiania : Palermo : Havre : Ilhas de Cabo Verde
Stockholmo : Petrogrado : Tunis
Copenhague : New York : Alger : Ilha de Santa Maria
Madrid : Boston : Malta

1:800 Correspondentes no País

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra civil, guerra, graniso e inundações

Seguros contra morte e acidentes de animais

SEGUROS MARITIMOS CONTRA TODOS OS RISCOS

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

Sinistros pagos em 1916

153 CONTOS

BANQUEIROS
J. M. Fernandes Guimarães & C.ª
Joaquim Pinto Leite Filho & C.ª—Porto
Banco Nacional Ultramarino
London County & Westminster Bank
Pinto Leite & Nephews—Londres
Crédit Lyonnais—Paris
Revisions Bank—Copenhague

Esta Companhia está em relações com Companhias Inglezas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Norueguezas, Americanas e Hespanholas.

Delegados no distrito de Aveiro
João Campos da Silva Salgueiro & Filho

Grande armazem de adubos compostos D C e V R

Sulfato de amonio, inglês, com 20 p. c. de azote.
Superfosfato de cal, nacional, com 12 p. c.
Superfosfato de cal, francês, S. Galain, com 12 p. c.
Farinha de osso e fosfato Tomaz para terras humidas.

Carbonêto, cianêtos e rafia

Enxofres de flôr, sulfatos de cobre e de ferro.
Arames lisos zincados. Pregaria de arame.
Estabelecimento de fazendas, mercearia, ferragens e miudezas
Vendas por junto e a retalho aos melhores preços do mercado
Só a pronto pagamento

Virgilio Souto Ratola

COSTA DE VALADO—MAMODEIRO
(Casa fundada em 1906)

"A Colonial,,

Companhia de seguros

Capital Esc. 1.500:000$00

Séde em Lisboa—Largo do Barão de Quintella

Seguros terrestres, maritimos, postaes, agricolas e com reembolso, de predios, estabelecimentos, maquinismos, animaes, mobilias, cristaes, automoveis, etc., contra riscos de incendio, explosão, gréves e tumultos, guerra, choques, avaria, etc., etc.

Conselho de administração: *Fausto de Figueiredo, A. de Souza Lara, A. Bernardino Roque, F. Cabral Metello e J. Horta Ozorio.*

Agente em Aveiro:

POMPEU ALVARENGA
RUA DA FABRICA